

A violência de Israel contra a Palestina sobrevive ao cessar-fogo | Carta semanal 41 (2026)



Abed Abdi (Palestina), *À sombra da agressão*, 2024.

Queridas amigas e amigos,

Saudações do **Instituto Tricontinental de Pesquisa Social**.

A campanha de bombardeio genocida de Israel devastou o sistema de saneamento básico de Gaza, **destruindo**

ou danificando quase 90% dessa infraestrutura no território desde 2023. Todos os dias, 45 mil metros cúbicos de esgoto não tratado são despejados no Mar Mediterrâneo, enquanto outros 15 mil metros cúbicos se infiltram no solo. Esse colapso da infraestrutura de saneamento levou a uma infestação de ratos e outros roedores em Gaza, com duas em cada três crianças **vivendo em locais de deslocamento** assoladas por essas pragas. Em setembro de 2026, uma proliferação excepcional de algas **obstruiu** os sistemas de filtragem em cinco das seis usinas de dessalinização de Israel, com o grupo ambientalista israelense Zalul alertando que o esgoto não tratado de Gaza estava contribuindo para o agravamento da crise.

Quem planta, colhe.

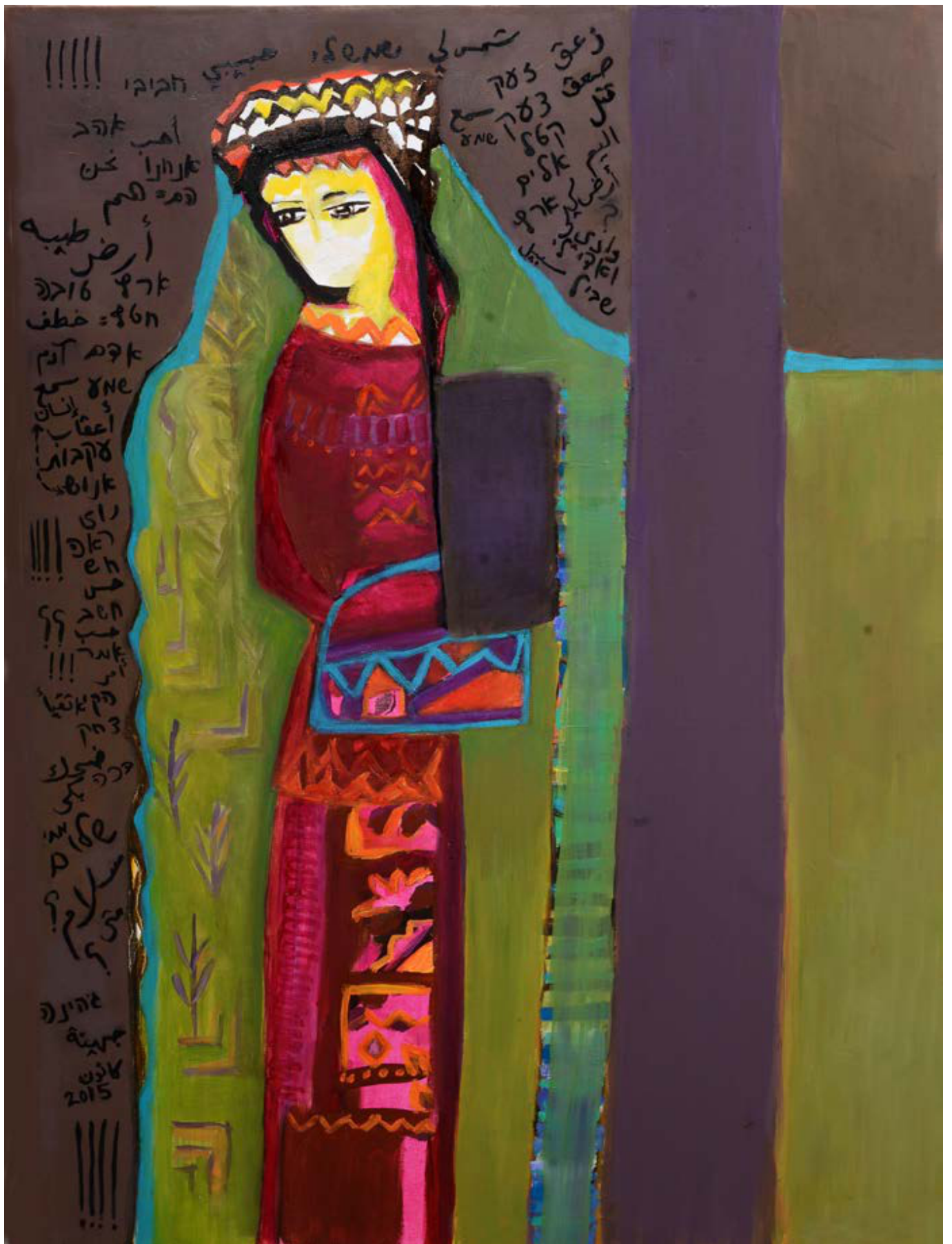


Majdal Nateel (Palestina), *Estudando o vazio da amputação*, 2025.

Um cessar-fogo não reconstrói um lar. Em Gaza, os palestinos ainda vivem entre as ruínas da campanha de extermínio e destruição em massa de Israel. Um ano após o cessar-fogo entrar em vigor, centenas de milhares **permanecem** em tendas desgastadas, abrigos temporários e edifícios danificados. A interrupção dos combates de grande porte sequer restaurou as condições básicas nas quais as pessoas podem viver com dignidade.

A destruição em Gaza não pode ser capturada apenas por dados, embora os números deem uma noção da escala da devastação causada por Israel e seus aliados. Por exemplo, um **relatório** recente da Conferência das Nações Unidas sobre Comércio e Desenvolvimento (Unctad) constatou que 92% dos estabelecimentos econômicos de Gaza foram destruídos ou danificados. Em 2025, o PIB real por pessoa foi de 212 dólares, apenas 17% do seu nível já baixo de 2022, e mais de 90% da população em idade ativa de Gaza estava sem emprego. Até maio de

2026, apenas 17 bilhões de dólares haviam sido **prometidos** para o custo estimado de 71,5 bilhões da recuperação e reconstrução de Gaza, e apenas uma pequena fração dos fundos prometidos havia sido desembolsada. Gaza permanecerá em ruínas ainda por algum tempo.



Juhaina Habibi Kandalaft (Palestina), *Ardi, biti* (Meu lar, minha terra), 2015.

Famílias em Gaza que vivem em tendas há mais de dois anos **relatam** que seus espaços de convivência são tão apertados que todos os aspectos da vida familiar – desde conversar e cozinhar até dormir e tomar banho – ocorrem sem privacidade. Um exercício de **mapeamento** do Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) de mais de 500 locais de deslocamento constatou que apenas cerca de metade estava a menos de 500 metros de um espaço seguro para mulheres e meninas. No final de julho de 2026, 17 desses espaços permaneciam fechados por falta de financiamento e outros dois por razões de segurança, de acordo com o Escritório das Nações Unidas para a Coordenação de **Assuntos** Humanitários. A especialista psicossocial Abeer al-Shurafa disse ao *al-Araby al-Jadeed* que “as tendas muito próximas deixam a vida das pessoas exposta aos outros e criam condições que incentivam a bisbilhotice, a interferência em assuntos familiares e a escuta de conversas. Muitos dos problemas que existem agora entre as famílias estão diretamente ligados a essa realidade imposta. A ausência de privacidade afeta a criação dos filhos e as relações entre os cônjuges e pode contribuir para um aumento nas disputas familiares e nas taxas de divórcio, porque o que antes acontecia dentro de casa agora ocorre em um espaço exposto onde outros podem ouvir”.

O UNFPA **relatou** que, entre abril e junho de 2026, os casos de violência baseada em gênero registrados por dez parceiros de gestão de casos aumentaram 27% em comparação com o trimestre anterior. As três formas de violência mais comumente relatadas – negação de recursos, violência psicológica e emocional e agressão física – representaram, cada uma, cerca de um terço dos casos relatados, enquanto o casamento forçado e precoce representou 2,6%. Esses números não podem ser separados das condições materiais criadas pelo ataque de Israel a Gaza. A destruição de casas, propriedades e meios de subsistência, juntamente com o colapso do apoio familiar e social sob o deslocamento, tornou as mulheres mais dependentes de agências de ajuda humanitária e dos homens de suas famílias para obter comida, água, abrigo e renda.



Haya Kaabneh (Palestina), *O luto da primavera*, 2024.

Enquanto isso, na Cisjordânia ocupada, as forças israelenses demolem casas palestinas e colonos sionistas expulsam comunidades de terras que suas famílias habitam há gerações. Esse deslocamento não é um acidente.

Em janeiro e fevereiro de 2025, as forças israelenses **entraram** nos campos de refugiados palestinos em Jenin, Nur Shams e Tulkarem, deslocaram à força suas populações e destruíram centenas de casas, estradas e outras infraestruturas civis. Os cerca de 33 mil palestinos expulsos continuam proibidos de retornar.

Em fevereiro de 2026, após anos de ataques e assédio, colonos israelenses **forçaram** os 45 membros de uma comunidade de pastores beduínos a sair de al-Wadi al-Shamali, ao norte de al-Lubban ash-Sharqiya, na Cisjordânia ocupada. A expulsão deixou o vale sem presença palestina, permitindo que os colonos estendessem seu controle sobre as terras de pastagem e ameaçando cerca de 2 mil dunams de terras agrícolas ao redor, incluindo olivais. Essa tomada, juntamente com os **planos** israelenses de construir milhares de unidades de

assentamentos ilegais na área E1 perto de Jerusalém, mina a base territorial de um futuro Estado palestino.



Ismail Fattah (Iraque), *Sem título*, 1994.

Menos discutido é o estrangulamento econômico que Israel exerce sobre o território palestino ocupado. De acordo com o **relatório** da Unctad, o governo israelense deduziu ou reteve mais de 3,67 bilhões de dólares em receitas palestinas entre janeiro de 2019 e março de 2026. A dependência palestina se estende à própria moeda. Grande parte da renda obtida pelos palestinos entra nos bancos palestinos em shekels israelenses. Mas Israel limita quanto dinheiro físico esses bancos podem devolver ao sistema bancário de Israel. Dados do Instituto de Pesquisa de Política Econômica da Palestina (MAS) **mostram** que, entre 2021 e 2024, as transferências permitidas não acompanharam o volume de dinheiro que exigia repatriação. O excedente resultante enche os cofres dos bancos com dinheiro que não pode ser facilmente emprestado ou usado para liquidar pagamentos, levando alguns bancos a restringir novos depósitos em shekels. O estudo do MAS cita uma estimativa do FMI de que o custo de manter esse excedente reduziu os lucros dos bancos palestinos em cerca de 20%.

Prender esse dinheiro nos cofres dos bancos palestinos cria mais do que uma pilha incômoda de notas. Pagamentos a fornecedores dependem de um vínculo bancário correspondente funcional com bancos israelenses. Uma quebra desse sistema poderia interromper as importações de eletricidade, combustível e água. Em agosto de 2026, Israel **concordou** em antecipar a remessa do quarto trimestre de 4,5 bilhões de shekels, aliviando a pressão imediata. Mas remessas discricionárias não acabam com um sistema no qual Israel determina se os bancos palestinos podem processar pagamentos na moeda da qual grande parte da economia palestina depende. Pagamentos eletrônicos podem desacelerar o acúmulo de dinheiro, argumenta o MAS, mas não podem remover essa restrição estrutural.



Ismail Shammout (Palestina), *Sem título*, 1994.

Israel não é o único beneficiário desta política de apartheid, estrangulamento e expropriação. Em 25 de setembro de 2026, o Escritório de Direitos Humanos da ONU **atualizou** seu banco de dados de empresas envolvidas em atividades específicas ligadas a assentamentos israelenses no território palestino ocupado, incluindo Jerusalém Oriental. A lista atualizada inclui empresas sediadas na França (Egis e Egis Rail), Alemanha (Heidelberg Materials AG), Países Baixos (Booking.com) e Estados Unidos (Airbnb, Booking Holdings, Expedia Group e Tripadvisor). O relatório identifica atividades como serviços que sustentam assentamentos e a exploração comercial de terras ou outros recursos naturais. Ele avalia diferentes formas de envolvimento corporativo, incluindo contribuição e vínculo direto, em vez de fazer uma conclusão criminal sobre cada empresa.

Estes são nomes familiares porque o comércio de assentamentos está integrado à infraestrutura comum de consumo e negócios: um anúncio de férias, um serviço de transporte, um produto de pedreira. O banco de dados é explicitamente limitado a atividades relacionadas a assentamentos: não é um censo de todas as empresas que lucram com a ocupação nem o fim da investigação sobre aquelas que nomeia.

O Escritório de Direitos Humanos da ONU pede aos Estados que regulem as empresas sob sua jurisdição e convoca as empresas a prevenir ou abordar impactos adversos aos direitos humanos. A questão para os governos ocidentais é concreta: eles permitirão que empresas registradas em seus países continuem fornecendo os serviços e as conexões materiais que viabilizam os assentamentos?



Fateh Moudarres (Síria), *Alm* (Dor), 1961.

Ao escrever esta carta semanal, me deparei com “Rua Nablus”, do jornalista e poeta Mustafa Abu Sneh, em uma antologia de poesia palestina contemporânea. O poema fervilha de frustração com o apartheid, o genocídio e a expropriação. A vida comum se choca contra esses fenômenos terríveis.

Foi uma confissão sem palavras.
Lembro-me do sol deslizando para a escuridão do assentamento,
Soldados com armas espancando o pôr do sol
até que ele desmaiasse.

Um garoto apaixonado roubando poemas de Nizar Qabbani
e cartas de amor de *The Snow Comes Through the Window*.
Eu ainda sou um garoto apaixonado
Mesmo que o sol já tenha se posto há muito tempo
Mesmo que minha primeira declaração de amor
Tenha sido feita na mira das armas da ocupação.

Eu também quero caminhar na rua Nablus com você e ler *The Snow Comes Through the Window* (1969), de Hanna Mina. Mina, que nasceu na Síria, trabalhou como barbeiro e distribuía o jornal comunista *Sawt al-Shaab* (Voz do Povo) nas ruas. Seu romance acompanha Fayyad, um escritor de esquerda que foge para o Líbano para escapar da perseguição política. É a história de um homem sensível que passa do medo privado à luta coletiva. Os soldados no poema espancam o pôr do sol, mas no dia seguinte, o sol nasce e ilumina o céu.

Cordialmente,

Vijay